

A REIFICAÇÃO DO NEGRO EM MACHADO DE ASSIS E RUBEM FONSECA: ESTUDO COMPARADO DOS CONTOS “PAI CONTRA MÃE” E “PLACEBO”

Debora Priscila Arevalo Gutierrez¹

Vitor Ceí²

RESUMO: O objetivo geral é analisar como a reificação do negro aparece configurada nos contos “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, e “Placebo”, de Rubem Fonseca. Como objetivo específico, comparamos os dois contos e suas estruturas quanto aos temas abordados, respeitando o contexto histórico e cultural em que as duas obras foram produzidas. Partimos das seguintes questões norteadoras: de que forma a reificação do negro, fenômeno concreto e histórico presente na sociedade brasileira, aparece configurada ficcionalmente nos contos “Pai contra mãe” e “Placebo”? De que maneira as questões raciais são transfiguradas ficcionalmente por autores de épocas distintas e que se utilizam de estratégias de linguagem diferentes? Utilizamos como referencial teórico os estudos sobre reificação de Honneth e Jameson.

PALAVRAS-CHAVE: Reificação; Machado de Assis; Rubem Fonseca

ABSTRACT: The main objective is to analyse how the reification of black people appears configured in the short stories “Father against Mother”, by Machado de Assis, and “Placebo”, by Rubem Fonseca. As specific objective, we compare the two short stories and their structures in relation to the themes addressed, respecting the historical and cultural context in which the two works were produced. The start point are the following guiding questions: How does the reification of black people, a concrete and historical phenomenon present in Brazilian society, appear fictionally configured in “Father against Mother” and “Placebo”? How are racial issues fictionally transfigured

1 Mestranda em Estudos Literários e licenciada em Língua Portuguesa e suas literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: deboraarevalo2412@hotmail.com

2 Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: vitorcei@gmail.com

by authors of different eras using different language strategies? The theoretical referential is centered in the studies on reification by Honneth and Jameson.

KEYWORDS: Reification; Machado de Assis; Rubem Fonseca

Introdução

Este artigo tem como finalidade abordar e compreender a reificação do negro nos contos "Pai contra mãe", de Machado de Assis, publicado em 1906, no livro *Relíquias de casa velha*, e "Placebo", de Rubem Fonseca, incluído no livro *O buraco na parede*, de 1995. A partir desse corpus ficcional, apresentam-se os seguintes questionamentos: como a reificação do negro, fenômeno concreto e histórico presente na sociedade brasileira, aparece configurado literariamente nos contos "Pai contra mãe" e "Placebo"? De que maneira as questões raciais são transfiguradas literariamente por esses dois autores de épocas distintas e que se utilizam de estratégias de linguagem diferentes?

Em "Pai contra mãe", Machado de Assis aborda a reificação a partir do racismo e da escravidão, relacionando o sofrimento da mãe negra e a morte de seu bebê com a sobrevivência do pai branco e seu filho. Ainda que o conto tenha sido publicado 18 anos após a abolição, o enredo é ambientado meio século antes. No contexto daquela época, uma vez que a escravidão ainda não havia sido abolida, o ato de violência contra uma mulher negra seria justificado por não violar nenhuma lei ou valor moral da sociedade de então. Por outro lado, no conto "Placebo", de Fonseca, a escolha feita pela personagem fere a lei vigente, bem como seus valores morais e éticos, tornando a decisão condenável, ainda que "justificável" – "justificações que condenam" (SCHWARZ, 2000, p. 115) – devido à situação crítica dela.

No primeiro conto, o narrador heterodiegético utiliza artifícios de persuasão através da linguagem de forma a justificar os atos que logo depois serão consumados, enquanto no segundo o narrador autodiegético se sente culpado pelas suas escolhas futuras, no entanto, viola suas crenças para poder obter a cura de sua doença.

A partir da pesquisa e estudo do processo de reificação nos dois contos se pode compreender o papel de persuasão dos narradores de forma a justificar as ações dos personagens, como também o método de cada autor e as ferramentas utilizadas através da linguagem que possibilitaram a reificação vista em cada conto. Por conseguinte, é possível ancorar as questões raciais como instrumentos configuradores da reificação nas duas narrativas.

Reificação, conceito fundamental para as teorias marxistas, designa uma patologia cognitiva ou existencial produzida pela forma específica de organização da sociedade capitalista, que submete o ser humano ao cálculo e à administração da troca mercantil, como se fosse uma coisa (*res*, em latim). Partindo dessa linha de pensamento, Axel Honneth propôs uma atualização do conceito:

Sob "reificação" eu não gostaria de ver entendido, tal como acontece em geral hoje no emprego do conceito, apenas uma postura ou ação através da qual outras pessoas são "instrumentalizadas"; essa instrumentalização significa tomar outras pessoas como meio para fins puramente individuais, egocêntricos, sem precisarmos abstrair de suas características humanas; ao contrário, geralmente serão inclusive as habilidades especificamente humanas destas pessoas que utilizamos para, com sua ajuda, realizar nossos propósitos essa instrumentalização significa tomar outras pessoas como meio para fins puramente individuais, egocêntricos, sem precisarmos abstrair de suas características humanas; ao contrário, geralmente serão inclusive as habilidades especificamente humanas destas pessoas que utilizamos para, com sua ajuda, realizar nossos propósitos. Diferente da "instrumentalização", a reificação pressupõe que nós nem percebemos mais nas outras pessoas as suas características que as tornam propriamente exemplares do gênero humano: tratar alguém como uma "coisa" significa justamente tomá-la(o) como "algo", despidido de quaisquer características ou habilidades humanas (HONNETH, 2008, p. 69-70).

A visão reificadora é aquela que o capitalismo desenvolveu como meio de coisificar o ser humano e conseqüentemente, suas ações; fazê-lo útil ao mercado de trabalho e ao sistema. Partindo do termo "utilidade", relaciona-se este à temática dos contos "Placebo" e "Pai contra mãe", configurado nas personagens e suas decisões. De tal modo, a desigualdade das raças se encontra como ferramenta de utilidade e como meio para a reificação se concretizar. Assim, pode-se perceber a relevância de entender o processo de reificação e quais suas formas atuais, influências, causas e conseqüências a longo prazo.

Por essa razão, traz-se como referência o método crítico de Antônio Cândido, quando se parte do modo de ligar literatura e arte ao contexto histórico, social e cultural, já que ele é o principal expoente brasileiro da linha de estudo comparatista que compreende a linguagem literária em suas dimensões estética e sociológica, como algo carregado de sentido histórico e cultural e não somente um meio de descrição ou representação da realidade. A proposta é mostrar a interpenetração entre literatura e sociedade: "averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce" (CANDIDO, 2006, p. 08).

O estudo da reificação pretendido nesta pesquisa é demonstrar seu processo dentro da literatura através dos dois contos e como estes se relacionam ou se diferenciam, levando em consideração o contexto histórico em que eles estão inseridos. Bem como trazer esclarecimento

diante desse tema tão urgente e atual, uma vez que ao estar ocorrendo tão ativamente no nosso meio, afeta as relações sociais e a maneira como o outro é visto por nós.

Isto posto, teve-se como objetivo geral identificar o processo de reificação no âmbito dos dois contos selecionados, comparando os estilos dos autores para elaborar as características que os diferenciam. Como objetivos específicos, almejam-se: avaliar como a reificação do negro, fenômeno concreto e histórico presente na sociedade brasileira, aparece configurada literariamente nos contos "Pai contra mãe", de Machado de Assis, e "Placebo", de Rubem Fonseca; analisar a estrutura formal de cada conto visando os elementos ficcionais que representam a reificação; comparar os dois contos de maneira a analisar o contexto em que eles estão inseridos, tendo em vista a forma que a reificação toma e finalmente demonstrar como as questões raciais se configuram para que a reificação se manifeste nas obras.

A reificação do negro em "Pai contra mãe", de Machado de Assis

A personagem principal é Cândido Neves, um homem pobre que tinha "um defeito grave [...] não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo" (ASSIS, 2007, p. 142). Depois de tentar carreira como tipógrafo, caixeiro, carteiro no Ministério do Império, entre outros empregos que foram deixados de lado pela sua vontade e orgulho, ele decidiu achar seu ofício como caçador de negros escravizados fugidos. É a partir desses vícios pequenos que nossa personagem começa a mostrar seu caráter um tanto indolente e escasso de virtudes.

Cândido é o típico homem branco desempregado, sem status social ou herança que o salve da miséria. Casa-se com Clara, moça de vinte e dois anos, pobre e órfã, que ainda morava com a tia, Mônica. Fruto dessa união, concebe-se uma criança, a qual traz grandes despesas para o casal mesmo antes de seu nascimento, piorando a situação de grande dificuldade econômica que a família passava. Desta maneira, Cândido teve que procurar ofícios mesmo com desgosto pelo bem de sua família e do seu primogênito. Com o nascimento da criança e o agravamento da situação, a solução seria entregá-la à Roda dos Enjeitados, instituição ligada à Santa Casa da Misericórdia, que acolhia órfãos ou crianças rejeitadas por seus pais. Assim foi feito o acordo entre Cândido e Mônica:

O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso (ASSIS, 2007, p. 149-150).

O sentimento de se agarrar até o último momento ao fruto de seu amor com Clara fez Cândido vagar pelas ruas retardando a tão penosa separação; até que, sem querer, encontrou a escrava que tempo atrás ele procurava pela recompensa que era oferecida a quem a capturasse. Assim, tomado por amor e felicidade, o esposo de Clara não hesitou em entregar a escrava ao seu senhor, mesmo ela implorando que a soltasse, já que levava um filho em seu ventre. No entanto, Cândido não deu ouvidos ao sofrimento da mãe, senão ao próprio e testemunhou a consequência de suas ações:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo (ASSIS, 2007, p. 151-152).

A indignação nem sequer passou pela mente de Cândido, visto que ele unicamente estava preocupado com seu bem-estar e o de sua família. Em seguida, ele correu para buscar seu filho que tinha deixado com um farmacêutico ao ficar totalmente desesperado por ver Arminda; brevemente pensou na mulher escravizada, mas prontamente esse pensamento foi substituído pelo sentimento de alívio que preenchia todos. Note-se que o fato de Cândido substituir as lembranças da tragédia por sentimentos bons e o conforto da família, revela a reificação se manifestando automaticamente nas ações da personagem. Dessa forma, às custas do sofrimento do outro, Cândido obtêm dinheiro suficiente para manter o filho e cuidar das despesas da casa. O conto finaliza com desgraça de Arminda e o pensamento de Cândido, deixando ao leitor a definição de suas atitudes, com amarga ironia: "Nem todas as crianças vingam" (ASSIS, 2007, p. 152).

O conto é narrado em terceira pessoa e os fatos se sucedem no Rio de Janeiro do século XIX, época onde a escravidão ainda estava instaurada no Brasil. Assim, no começo do conto, o narrador descreve as condições de subsistência do povo escravo nas mãos dos seus "senhores" e as razões mais justificadas do que informadas quanto aos castigos aplicados a eles:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado (ASSIS, 2007, p. 141).

Desta maneira, o narrador mostra as barbaridades sofridas pelos negros escravizados como acontecimentos naturais e justificáveis; imagens chocantes para o leitor se formam e despertam

seus sentimentos de revolta diante de um acontecimento tão miserável vivido por milhares de pessoas negras trazidas da África no período da colonização. Contudo, o fator que mais surpreende pelo teor do discurso é a amarga ironia do narrador: "Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel" (ASSIS, 2007, p. 141).

Pode-se perceber que, ao firmar a ordem social no grotesco e no bárbaro o narrador faz o papel de advogado defensor diante de situações que marcam a história da humanidade pela proporção desumana e desigual, como explica Schwarcz:

A escravidão, em primeiro lugar, legitimou a inferioridade, que de social tornava-se natural, e, enquanto durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania. Além disso, o trabalho limitou-se exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nessa sociedade das desigualdades e da posse de um homem por outro (SCHWARCZ, 2012, p. 30).

É neste contexto que a reificação se configura na personagem principal, a escrava que se encontra inferiorizada pelo contexto social e incapaz de responder por si mesma faz o papel de instrumento que salva o homem branco desesperado por salvação. Arminda não é mais do que um 'objeto' que traz recompensa pelo seu achado. Assim, este tipo de reificação pode se configurar na concepção de Jameson, sendo visto a partir do modo de produção capitalista:

A teoria da reificação [...] descreve o modo pelo qual, sob o capitalismo, as formas tradicionais mais antigas da atividade humana são instrumentalmente reorganizadas ou "taylorizadas", analiticamente fragmentadas e reconstruídas, segundo vários modelos racionais de eficiência e essencialmente reestruturadas com base em uma diferenciação entre meios e fins. (JAMESON, 1994, p. 02).

Ou seja, a reificação começa a se manifestar na escrava que não é digna do compadecimento de Cândido, já que não é considerada parte dessa sociedade, assim como o fruto do cativo que levava consigo a partir do momento em que ela se torna mais uma ferramenta de produção. Na mesma linha de pensamento, o filósofo alemão Axel Honneth explica que a escravidão é classificada como um caso puro de reificação:

[...] casos puros de reificação acontecem apenas quando algo que em si não tem características de objeto é percebido ou tratado como um "objeto". Como candidato para este tipo original primeiramente com certeza se apresenta a escravidão, porque, segundo a convicção de muitos teóricos sociais, ela criou um sistema de produção dentro do qual as forças de trabalho foram tratadas como simples "coisas" (HONNETH, 2008, p. 70).

Esse "instrumento" marcado pela sua cor, torna-se "coisa" tão naturalmente, uma vez que não há compadecimento por parte do agressor; encontra-se apenas a vontade de ser superior ao outro. Nota-se então que a reificação do negro se encontra vinculada com o contexto da época que não encontrava no afrodescendente um igual. Assim, o leitor é colocado entre duas personagens que não podem simultaneamente ter finais felizes, já que a felicidade de uma traria a

desgraça da outra; destarte, como na maioria das obras de Machado de Assis, vence a lei do mais forte: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas” (ASSIS, 2008, p. 56).

Na prosa machadiana, as formas violentas e corrosivas do trato social que se exercem em todos os setores da vida, ligam-se aos temas da reificação (transformação do homem em objeto do homem) e do egoísmo. Diante da ambivalência amoral dos narradores e personagens machadianos, Natascha Krech avalia que a crítica anti-escravocrata machadiana se dá de maneira sutil e camuflada, de modo que pode não ser notada:

[...] a crítica machadiana se dá várias vezes justamente pelo fato de não ser óbvia ou até de não ser explícita. [...] Machado mostra a realidade crua da época na sua obra e a maioria de suas personagens atua como se essa “realidade” fosse algo extremamente “normal”. Confrontadas com os horrores ou preconceitos da época, as suas personagens não reagem de maneira indignada, e sim de maneira fria e insensível, por exemplo, no conto “Pai Contra Mãe” (KRECH, 2010, p. 151-152)

À vista disso, o autor de “Pai contra mãe” transforma suas personagens na própria crítica, tendo como fim principal chegar aos seus leitores da alta aristocracia da época –uma vez que, com o capitalismo em ascensão o mais imprescindível para a sociedade era aumentar o mercado de produção a despeito da mão de obra escrava, bem como elevar o nível de status social – e criticá-los se utilizando de ferramentas pouco comuns em seu tempo. É através deste conto e outros anteriores que Machado se pronuncia mais uma vez sobre a escravidão, que em países vizinhos e da Europa se encontrava já extinta. Isso posto, a reificação se manifesta no conto de Machado de Assis a partir do contexto social escravocrata e estratificado da época que não permitia ao negro ter liberdade de viver, de escolher, de ser o próprio dono de sua história.

A reificação do negro em “Placebo”, de Rubem Fonseca

As violentas narrativas de Rubem Fonseca têm um estilo conhecido como “realismo feroz” (CANDIDO, 1989). A sua prosa crua e hiperrealista mantém o leitor atônito diante das nuances que caracterizam seu estilo, tais como a linguagem de cunho coloquial e ofensivo, a violência que afeta ricos e pobres, a frieza emocional e a perda de valores éticos de suas personagens.

A grande cidade – especialmente o Rio de Janeiro – é o cenário privilegiado das narrativas de Fonseca, onde os personagens alternam-se entre o submundo que se esconde nas periferias e os lugares frequentados pela alta sociedade da época: “a marginalidade está no alto e no baixo da sociedade instável das grandes cidades brasileiras, onde as duas formas de desordem constantemente se encontram” (VIDAL, 2000, p. 112). Nesse meio ambiente se manifestam as

crises que impactam o mundo contemporâneo: “O espaço urbano é o território por excelência onde se configuram as relações do capital. Expandidas até as últimas consequências no país, promovem uma violência matricial: a exploração sem freios e medidas, sem disfarces e fantasias de cidadania” (AMARAL, 2009, p. 82).

O conto “Placebo”, que reúne as características apontadas acima, expõe a história de um bem-sucedido empresário brasileiro que se sente totalmente desconcertado diante da descoberta de uma doença hereditária, fato aterrador e que apesar de se encontrar na fase inicial o obrigaria a contornar a lei e os valores morais impostos pela sociedade.

O texto é narrado em primeira pessoa, dando a sensação de proximidade e forçando uma espécie de cumplicidade entre o personagem-narrador e o leitor, porque diante de uma doença somos todos iguais igualmente frágeis e mortais.

Logo no começo da narrativa a personagem se encontra em diálogo com quem supostamente o ajudaria em seu grande problema. Belisário é o mensageiro do Dr. Wolf, médico que por meios não comprovados cientificamente promete a cura da doença da personagem principal, já que tinha feito isso acontecer com uma amiga desta, chamada Raquel: “uma coisa era certa, o doutor Wolf havia curado minha amiga Raquel. Foi ela quem me deu o telefone do Belisário” (FONSECA, 2014, p. 142). Observe-se que as personagens possuem nomes e o narrador não, sendo apenas chamado de “doutor, distinto, senhor” o que evidencia o seu próprio anonimato (VIDAL, 2000, p. 114):

Não tenho nenhum respeito pela sua fúria, não vou chamá-lo de senhor, de doutor, como seu mordomo, ele me disse sacudindo o dedo na minha cara, você vai me fazer uma coisa que o Belisário não conseguiu quando estava fodido igual você, chutar esse pombo que está ciscando na calçada, está vendo?, tem que ser rápido e certo (FONSECA, 2014, p. 137).

Pode-se perceber que, além do anonimato da personagem, a citação carrega o sentimento de Belisário diante da pessoa com quem ele se encontra. Sente-se inferiorizado pela presença do narrador-personagem, agindo violentamente para se “defender” da classe social que este representa. Assim, conta ao narrador sua experiência com a doença, provavelmente para salientar que ele a venceu e está livre dela, diferente da personagem: “Meu chapa, eu também sofri dessa doença, tremia mais do que um daqueles crioulos dançando o clipe da MTV, e me roía por dentro. E como todo doente, eu vivia massacrando os infelizes que tomavam conta de mim” (FONSECA, 2014, p. 138). Logo, a narrativa está voltada ao problema que acarreta a doença do protagonista, uma vez que ele precisa arranjar um feto de três meses, negro, fruto de um aborto, “ingrediente” específico

para que sua cura seja possível, daí o título do conto ser “placebo”, se referindo ao efeito psicológico benéfico que o experimento pode causar na vida do paciente:

Belisário estava na Cinelândia, sentado no mesmo banco. Entreguei a ele a caixa de isopor. Ele entreabriu a caixa, olhou rapidamente lá dentro e fechou a caixa. Depois abriu a caixa novamente, olhou, balançou decepcionado e impaciente a cabeça. Fechou a tampa. Não serve. Como? A porra do feto tem que ser negro. Como? Eu lhe disse, o feto tem que ser negro, o doutor Wolf só trabalha com fetos negros. (FONSECA, 2014, p. 158-159).

Decorrente desse ingrediente específico surge o questionamento ético que envolve o narrador desde a primeira reunião com o mensageiro até a obtenção do “produto”. Ele classifica o ato de “utilizar” um feto produto de um aborto como abominável, de acordo com a fala dele no segundo encontro com Belisário:

Tá me sacaneando, ô distinto? Não, estou nervoso, me desculpe. Você consegue o material e eu levo pro doutor Wolf e ele prepara o remédio e te chama e aplica o remédio. O que você me pede é abominável. Então tchau, estou perdendo meu tempo (FONSECA, 2014, p. 149).

No entanto, apesar de classificar o ato como abominável, a personagem é levada a contornar códigos morais e éticos tais como o aborto e a crença na medicina alternativa, desmerecendo a medicina tradicional que julga ser ineficaz, para poder atingir seu principal objetivo. Partindo do vazio existencial que a personagem demonstra sentir durante toda a narrativa, é possível justificar o ato desesperado que o faz confiar num “doutor” cujo nome desconhece, perambular por lugares da periferia e infringir a lei:

A ficção do autor encena, assim, o vazio existencial de indivíduos que, diante da impossibilidade de levar a fundo as virtudes que a moral tradicional apregoa, transformam-se em figuras errantes e desconstrutoras ou em nostálgicos amargurados ou ainda em cínicos, que se movem, sem culpa, guiados pela moral mercantilista da troca (FIGUEIREDO, 2003, p. 21).

Essa moral mercantilista que Figueiredo cita pode ser considerada consequência da vida moderna e individualista que se vive no século XXI, destarte, por causa do capitalismo muitas pessoas passam a ser instrumentos que visam produtividade, não sendo diferente para a personagem que pelo seu status social acredita poder “comprar” a solução para seu problema, violando o código ético que lhe foi instruído, infringindo a lei para se salvar; assim, o sistema de

produção se torna em parte responsável pelo posicionamento individualista dela. Posto isto, a reificação se manifesta como elemento principal e necessário para o efeito placebo se concretizar no conto, uma vez que, sem esse pensamento não seria possível a atuação do Dr. Wolf; entretanto é necessário salientar que no caso de “Placebo”, o pensamento do filósofo Honneth se encaixa satisfatoriamente para melhor entender o uso adequado do termo:

Possivelmente a equiparação do conceito “reificação” ao de “instrumentalização” só ocorra com tanta frequência porque com “instrumentos” nós normalmente nos referimos a objetos materiais; mas isto leva a perder de vista que aquilo que torna pessoas adequadas a serem utilizadas como instrumentos para fins de terceiros geralmente são suas características especificamente humanas (HONNETH, 2008, p. 70).

Ao passo que em Jameson a reificação é analisada a partir do capitalismo e suas ramificações, ou seja, nele as pessoas se tornam objetos sendo excluídas suas características humanas, em Honneth são elas que tornam possível a reificação. É dessa forma que no conto o processo de objetificar pessoas fica visível, tanto no discurso das personagens, quanto nos atos desesperados do narrador para obter sua cura – recorrer a uma clínica clandestina e implorar ao médico “fazedor de anjos” (FONSECA, 2014, p. 147) a obtenção do feto negro, perambular pela periferia do Rio de Janeiro, aceitar a ajuda de estranhos. Isto posto, é a partir da aquisição do feto que o narrador consegue se salvar, pois, no final do conto ele afirma estar completamente saudável:

Quando acordei vi Belisário sentando na minha cama.
Como é, ô distinto? Está se sentindo bem?
Levantei-me. Andei pela sala. Olhei a ponta do meu nariz. Estiquei os braços, as mãos não tremiam. [...] Antes de vestir o capuz olhei mais uma vez a ponta do meu nariz. Firme como o pão de açúcar. Estendi as mãos, abri os braços. Firme. Firme. Firme para sempre (FONSECA, 2014, p. 169).

Desta forma, pode-se constatar que através do feto negro o problema tão aterrador que o sucedido empresário estava passando simplesmente se desvaneceu. Graças ao sacrifício ou desprezo de uma mãe negra sem condições para o sustento do bebê é que o homem branco, novamente, conseguiu se sobrepor em questões de raça partindo da sociedade capitalista que preza pela produção mercantilista, trazendo à tona novamente a posição econômica do sujeito como determinante vital de sua história. Assim sendo, explica Schwarcz:

O tema da raça é ainda mais complexo na medida em que inexitem no país regras fixas ou modelos de descendência biológica aceitos de forma consensual. Afinal, estabelecer uma “linha de cor” no Brasil é ato temerário, já que esta é capaz de variar de acordo com a condição social do indivíduo, o local e mesmo a situação (SCHWARCZ, 2012, p. 25).

Dessa forma, pode-se afirmar que o status econômico e social influenciam radicalmente nas decisões tomadas pela personagem principal, transformando o ato de reificar o feto numa decisão

fácil e sem penalidade pelo descumprimento da lei. As desigualdades econômica, social e racial existentes no Brasil formam um cenário propício para a reificação acontecer no conto de Fonseca, uma vez que elementos como o individualismo, o poder econômico e o vazio existencial que aparecem na narrativa induzem a personagem a tomar as decisões consequentes do efeito placebo. Mostra-se assim, a crítica social carregada na obra do autor próprio de seu estilo.

As formas da reificação em Machado de Assis e Rubem Fonseca

A partir das análises dos contos de Machado de Assis e Rubem Fonseca, é possível determinar padrões que aparecem camuflados por estilos diferentes, e que, no entanto, executam os mesmos papéis nas narrativas. Igualmente, podemos destacar que as diferenças das duas obras são próprias dos autores e dos contextos históricos, sociais e culturais em que foram produzidos.

Observamos que em "Pai contra mãe", Machado de Assis se utiliza da ironia e do papel do narrador – apesar de se encontrar em terceira pessoa – para criar situações de favorecimento ou compadecimento do leitor a Cândido Neves, ainda que tenha cometido grande barbaridade. Em "Placebo", por sua vez, o narrador em primeira pessoa visa uma aproximação com o leitor, colocando-o no lugar da personagem principal, que segundo Figueiredo "é o homem prisioneiro de valores esvaziados, condenado a uma busca inútil, o eterno personagem de Rubem Fonseca" (FIGUEIREDO, 2003, p. 20). Nesse sentido, é admissível afirmar que, enquanto em Machado o narrador heterodiegético explica e justifica as ações do personagem para o leitor, em Fonseca é o narrador autodiegético que se mostra tal qual é para quem o lê. Em ambos os casos, temos "elogios que incriminam e justificações que condenam" (SCHWARZ, 2000, p. 115).

É possível destacar que em "Pai contra mãe" o autor teve como principal objetivo "contribuir para o não-apagamento da memória da escravidão" (DUARTE, 2007, p. 259) e, conseqüentemente, criticar o recente passado escravocrata da sociedade de época, que, em 1906 (data da publicação), ainda mais do que hoje, mantinha o racismo e a reificação do negro. Já em Fonseca a narrativa é voltada para o rompimento dos valores morais estipulados pela sociedade e as conseqüências de uma modernidade que deixa os indivíduos egoístas e solitários, confinados em seus próprios sentimentos, à margem do outro.

Evidencia-se que no conto de Machado a reificação toma forma a partir da mãe escrava e o aborto de seu filho resultado de sua luta contra o homem branco que tentava privá-la de sua liberdade. Semelhantemente, em Fonseca ela aparece concretizada no feto de três meses fruto

também de uma gravidez interrompida. Note-se que nas duas narrativas o aborto e a negritude são empregados como sinais de reificação, sendo no caso do aborto indício de desumanidade decorrente do funcionamento do sistema social e econômico do período.

As personagens de Machado e de Fonseca se entrelaçam pelas formas de reificação que se pronunciam em suas ações, sejam interligadas ao contexto da época ou pela individualização que a modernidade e a cidade urbana geram. Sendo assim, cada uma de suas escolhas é baseada no modo de convivência regida na e pela sociedade atreladas ao espírito de conservação da existência. Da mesma forma, outro elemento importante para que a reificação aconteça nas narrativas dos dois autores é a etnia, sendo ela a negra, uma vez que, historicamente é a que mais sofreu abuso e discriminação.

Diante do exposto, pode-se constatar que “Pai contra mãe” e “Placebo”, apesar do intervalo temporal e das diferenças nos contextos culturais, históricos e econômicos em que foram elaborados, denunciam problemáticas que dominam a sociedade brasileira do século XIX ao XXI. Preconceitos e sentimentos de poder sobre o outro formam parte do ser humano desde seus primórdios, tornando a literatura universal pela abrangência de questões levantadas sem necessidade de as narrativas estarem ligadas temporalmente umas nas outras, como verificado nesse estudo.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como principal objetivo identificar a reificação no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e “Placebo”, de Rubem Fonseca, buscando analisar os contextos histórico, cultural e econômico das respectivas épocas e suas características muito presentes nas duas obras, além de comparar as estruturas formais de cada uma constatando os elementos que possibilitam a temática reificadora.

As indagações feitas nortearam a pesquisa durante sua elaboração, sendo elas: como a reificação do negro, fenômeno concreto e histórico presente na sociedade brasileira, aparece configurado literariamente nos contos “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e “Placebo”, de Rubem Fonseca? De que maneira as questões raciais são transfiguradas literariamente por autores de épocas distintas e que se utilizam de estratégias de linguagem diferentes?

Partindo da reificação do negro nos dois contos e levando em consideração o objetivo geral – identificar o processo de reificação nos dois contos selecionados, comparando os métodos utilizados pelos autores para construir as características que os diferenciam, demonstrando que a temática do racismo está intrinsicamente ligada à da reificação nas obras – podemos constatar que nas duas obras a temática reificadora se encontra vinculada a determinações históricas e culturais da época. Notou-se, desta forma, que na obra de Machado de Assis a reificação da personagem negra se manifesta pela sociedade escravocrata em que ela estava inserida, tornando-se um mero objeto de trabalho ao seu senhor. Semelhantemente o mesmo processo ocorre no conto de Rubem Fonseca, em que uma sociedade egoísta e individualista influencia nos atos da personagem principal, levando-o a reificar um feto negro fruto de um aborto.

Analisando as estruturas formais de cada conto se certificou a importância do papel dos narradores, uma vez que eles contêm grande poder influenciador no leitor. Conseguiu-se compreender que o uso de terceira pessoa na narrativa de “Pai contra mãe” produz no leitor a sensação de que o narrador está fazendo o papel de advogado defensor da personagem principal, justificando seus atos, por mais cruéis que tenham sido. Enquanto em “Placebo” o uso da primeira pessoa na narração traz proximidade do leitor com a personagem, colocando-o no lugar dela e de suas decisões, sendo uma maneira de compreensão e afinidade.

Concluímos que a materialização da temática reificadora nas obras está interligada com a etnia das personagens ou é um fator determinante para esse processo acontecer. Comparando as duas obras, verificou-se as disparidades e as semelhanças das narrativas, tanto nas estruturas formais, quanto no estilo dos autores, considerando-se a diferença temporal da produção que separa cada uma delas.

Em vista da pesquisa desenvolvida, percebemos as críticas da reificação que Machado e Fonseca nos oferecem dentro de suas narrativas, mostrando seu impacto sociopolítico e filosófico. Desta maneira, foi possível identificar o processo de reificação e suas diferentes formas ao longo dos anos, enquanto no cenário do século XIX do conto “Pai contra mãe” era visto como ato comum e sem transgressão ao ser humano, no cenário moderno de “Placebo” é necessário por questões de sobrevivência e obra do egoísmo construído no indivíduo, provável sintoma da modernidade. Assim sendo, dá-se possibilidade à continuação deste estudo através da pesquisa sobre a reificação em outras obras dos mesmos autores ou na procura de outra temática de cunho social e crítico.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. F.. Violência: A ficção de Rubem Fonseca. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n.1, 2009, p. 79-91.
- ASSIS, M. de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 2008.
- ASSIS, M. de. Pai contra mãe. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo* (antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- DUARTE, E. A. Posfácio. In: DUARTE, E. A. (org.). *Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo* (antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.
- FIGUEIREDO, V. L. F. *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- FONSECA, R. *O buraco na parede*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- HONNETH, A. Observações sobre a reificação. *Civitas*, v. 8, n. 1, 2008, p. 68-79.
- JAMESON, F. "Reificação e utopia na cultura de massa". Trad. João Roberto Martins Filho. *Crítica Marxista*, v.1, n.1, 1994, p. 1-25.
- KRECH, N. M. O escravo e o protegido. In: BERNARDO, G.; MICHAEL, J.; SCHÄFFAUER, M. (org.). *Machado de Assis e a escravidão*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 147-164.
- SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- VIDAL, A. J. *Roteiro para um narrador: uma leitura dos contos de Rubem Fonseca*. São Paulo: Ateliê, 2000.